MAPEAMENTO DA **MÍDIA NEGRA** NO BRASIL

FOPIR
Fórum Permanente pela Igualdade Racial

SUMÁRIO

FOPIR - OITO ANOS ENFRENTANDO O RACISMO NO BRASIL! 3

POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO DO FOPIR 5

APRESENTAÇÃO 7

MANIFESTO DA MÍDIA NEGRA BRASILEIRA NINGUÉM MAIS VAI CALAR O GRITO POR LIBERDADE 10

RESULTADOS - MAPEAMENTO DAS MÍDIAS NEGRAS 14

ANEXO - CONTATOS 20

ARTIGOS 22

À MÍDIA NEGRA BRASILEIRA – O LEGADO QUE NÓS TEMOS OU PELO O QUÊ COMUNICAMOS? 22

A INCIDÊNCIA DOS INFLUENCIADORES DIGITAIS NEGR@S PARA O COMBATE AO RACISMO 28

COMUNICAÇÃO E LUTA CONTRA O RACISMO NO BRASIL: DOS PASQUINS ÀS MÍDIAS NEGRAS 32

TECNOLOGIA ANTIRRACISTA: A RESPOSTA DAS MULHERES NEGRAS 37

O PAPEL DAS MÍDIAS NEGRAS NA IMPLOSÃO DE IMAGINÁRIOS 40

1 FOPIR - OITO ANOS ENFRENTANDO O RACISMO NO BRASIL!

QUEM SOMOS - O Fórum Permanente pela Igualdade Racial - FOPIR é uma coalização de organizações antirracistas que visa desenvolver estratégias e ações de diagnóstico, mobilização, comunicação e incidência política capazes de deflagrar um debate amplo e democrático em prol do enfrentamento do racismo e na defesa das políticas de promoção da igualdade racial e de gênero.

VISÃO - O FOPIR luta pela consolidação da democracia no Brasil e nas Diásporas Africanas, reconhecendo a igualdade de oportunidades e de tratamento como elementos estruturantes de uma sociedade efetivamente justa.

MISSÃO - Desenvolver estratégias pela igualdade racial e de gênero, de forma que se efetivem políticas no Brasil e nas Diásporas Africana.

OBJETIVO - Impactar governos, parlamentares, formuladores e operadores de políticas públicas, mídia e sociedade como um todo. Envolvendo todos e todas na luta por um estado democrático e inclusivo.

PRINCIPAIS EIXOS DE ATUAÇÃO - O FOPIR definiu a juventude negra e as mulheres negras como eixos estratégicos de atuação. Esta escolha se deu devido à condição de extrema vulnerabilidade vivenciada por esses grupos historicamente marginalizados na sociedade brasileira.

forumpermanentepelaigualdaderacial
fopir.igualdaderacial
fopirexecutiva@gmail.com
www.fopir.org.br

FOPIR Fórum Permanente pela Igualdade Racial
FORD FOUNDATION

2 POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO DO FOPIR

A comunicação do FOPIR é comprometida com ações de igualdade de oportunidades e tratamento para a população negra; com ênfase nas mulheres negras e na juventude negra, impactando e influenciando a sociedade na luta antirracista, antisexista e anti LGBTQIfóbica, pela pluralidade e alinhada à perspectiva do bem viver.

Para tanto, tem como base as seguintes diretrizes:

- Promover a pluralidade e a diversidade racial e de gênero de discursos e narrativas;
- Comprometer-se na democratização do acesso às informações;
- Fortalecer o diálogo e dar visibilidade à mídia negra no Brasil;
- Incidir na mídia tradicional hegemônica;
- Provocar a desconstrução dos imaginários racistas, sexistas e LGBTIFóbicos;
- Estimular o debate sobre o acesso à justiça social, econômica e ambiental da população negra, com ênfase nas mulheres negras e juventude negra;
- Dar visibilidade às incidências políticas promovidas pelo FOPIR para provocar debates amplos e democráticos que influenciem governos e parlamentares.

3 APRESENTAÇÃO

POR JULIO MENEZES SILVA
NAIARA LEITE
PRISCILA RODRIGUES
GRUPO DE COMUNICAÇÃO DO FOPIR

O material a seguir é um esforço coletivo, elaborado por várias mãos e pensadores e pensadoras. É o resultado do desenvolvimento de um trabalho do FOPIR a partir da reunião de planejamento e comunicação, realizada presencialmente no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, na Praça XI, no Rio de Janeiro, nos dias 10 e 11 de junho de 2019, e que teve como facilitador o jornalista Edson Cardoso.

Na ocasião do encontro levantou-se a possibilidade de aproximação e diálogo com as Mídias Negras que atuam no Brasil. Foi então que realizamos um esforço inicial para mapear algumas iniciativas, que chamamos de "Mapeamento da Mídia Negra no Brasil". Os dados foram apresentados ao público, primeiramente, no âmbito do seminário *Genocídios Contemporâneos: Reagir é Preciso*, realizado pelo FOPIR e parceiros (as) nos dias 10, 11 e 12 de outubro de 2019, em Belo Horizonte.

A confluência do encontro em Minas Gerais provocou desdobramentos dentro do campo da Comunicação: em 20 de novembro de 2019, no Dia da Consciência Negra, saiu o texto manifesto *NINGUÉM MAIS VAI CALAR O GRITO POR LIBERDADE*, com a adesão de mais de 30 iniciativas de comunicação e jornalismo de diferentes regiões do Brasil, com forte protagonismo das mulheres. O documento traz o pensamento, as reflexões e as narrativas produzidas por estes coletivos para fortalecer o projeto de cidadania e justiça para as populações negras.

O Fórum Permanente Pela Igualdade Racial (FOPIR), como coalizão, tem princípios que orientam suas ações políticas na tentativa de impactar a mídia, a justiça, os governos, o parlamento e a sociedade brasileira. Ou seja, sua atuação política está centrada no estabelecimento de disputas e tensões em torno das denúncias do racismo e das violências e violações que vivenciam as populações negras.

Disputar narrativas numa sociedade construída com pilares centrados no racismo e sexismo significa lutar pela consciência e pela existência negra. “Nossa existência é atravessada pela não existência e o não lugar” nos lembra o professor Edson Cardoso. O racismo tem um suporte material que é a vida das pessoas negras baseadas na ausência de direitos, na pobreza e na desumanização.

Os debates e ações desenvolvidas pelo FOPIR com foco no fortalecimento das mídias negras no Brasil têm levado em consideração que essas mídias são espaços fundamentais para potencializar as narrativas e denúncias contra o racismo, e o projeto de genocídio contra a população negra.

Neste sentido, para o FOPIR, mídias negras são espaços de comunicação social produzidos por pessoas negras que tratam de pautas e temas sobre a vivência das pessoas negras e sobre a luta contra o racismo. Essas mídias podem atingir públicos locais, em contextos comunitários, a níveis estadual, regional, nacional ou internacional.

Em se tratando de mídias empresariais, estas precisam pertencer em mais de 50% a empresários negros e os cargos de gestão e coordenação também precisam ser ocupados por pessoas negras. Ressaltamos também que organizações negras e de mulheres negras que produzem conteúdos comunicacionais que tratem das mais diversas vivências da população negra também são considerados por nós mídias negras.

Pensar a comunicação para o FOPIR é fundamental porque reflete, por exemplo, os desafios das mídias negras no Brasil que, historicamente, resistem para assegurar a produção de narrativas que transformem consciências, levando em consideração todas as complexidades em que estão inseridas as populações negras. "O papel das mídias negras na implosão de imaginários" é o título do artigo da jornalista Rosane Borges publicado aqui, cujos caminhos apontam o tamanho de nosso desafio institucional.

Em tempos de pandemia mundial pela covid-19, que agrava ainda mais a condições de vida e sobrevivência das populações negras, a crítica ao projeto político hegemônico racista deve ser permanente e resultar diretamente em formas que rompam o silenciamento. As narrativas produzidas pelas mídias negras têm clamado pela vida negra e têm contribuído para a descolonização e visibilização do pensamento, além de dar destaque às ações desempenhadas pelos movimentos negros no Brasil.

Utilizando-se das ferramentas disponíveis e da tecnologia, como: jornal mural e eletrônico, revistas, pôsteres, jornal comunitário e redes sociais, esses coletivos de mídia negra se propõem a incidir sobre os cenários ampliando as tensões. É a partir de estratégias elaboradas que esses grupos têm reafirmado o lugar político de fazer comunicação, ressignificando o sentido social e pedagógico da mídia no Brasil, propondo uma comunicação centrada nos agenciamentos políticos.

A pesquisa foi um levantamento aberto ao público, realizado de forma online, no qual houve sessenta e cinco (65) respondentes que se identificam com a perspectiva da mídia negra ou com uma produção ancorada na luta contra o racismo e desigualdade no Brasil. Portanto, foram consideradas todas as respostas neste mapeamento.

4 MANIFESTO DA MÍDIA NEGRA BRASILEIRA NINGUÉM MAIS VAI CALAR O GRITO POR LIBERDADE

Grupo de Trabalho de Comunicação reunido em Belo Horizonte, durante o seminário *"Genocídios Contemporâneos, Reagir é Preciso"*

Nós, veículos e coletivos de Mídias Negras organizadxs em todo território nacional, que estivemos reunidxs entre os dias 10 e 13 de outubro de 2019 – no *Seminário Genocídios Contemporâneos, Reagir é Preciso*[1] (em Belo Horizonte – MG), e que nos agregamos a esta articulação política a partir de então, viemos por meio desta carta-manifesto informar:

A mídia negra brasileira está unida em defesa da vida da população negra e pela reforma do sistema político no Brasil.

Somos cientes de nosso legado herdado da imprensa negra – prática comunicacional e jornalística iniciada oficialmente em 1833, no Rio de Janeiro – com o jornal *O Homem de Cor*, mas que tem suas raízes de organização política ainda antes: Na Salvador (BA) colonial e escravocrata de 1798, com os *Manuscritos da Revolta dos Búzios*, pregados nas paredes da cidade e soando gritos de liberdade que ecoaram dos campos de concentração-senzalas aos salões nobres da sociedade. Com destaque para experiências longínquas, como a do Jornal *O Exemplo*, no Rio Grande do Sul – que existiu entre os anos de 1892 a 1930, e o jornal *Irohín*, produzido em Brasília, com distribuição nacional – de 1996 a 2009.

[1] Organizado pelo Fórum Permanente de Igualdade Racial (FOPIR).

Desde então, os povos negros do Brasil, reconhecidamente através da imensa pluralidade do que convencionamos a chamar de Movimentos Negros, sempre usamos as tecnologias de comunicação para denunciar o racismo, reportar direitos, mobilizar nossos pares e propor narrativas de liberdade.

O nosso acesso, mesmo que seletivo, aos meios de produção, ontem e hoje, sempre foi sob a missão de subverter a ordem racista hegemônica. Somos nós xs precursorxs, teoria e prática da Democratização da Comunicação no Brasil.

Hoje somos ainda mais diversxs nos formatos, linguagens, políticas editoriais e territórios de atuação. Ainda assim, nos alinhamos nos princípios de:

1. Garantir o Direito à Comunicação da maior parte da população brasileira, composta em 54% de autodeclaradxs negrxs.

2. Produzir narrativas alternativas, ou de enfrentamento direto, as lógicas racistas e sexistas da mídia hegemônica brasileira.

3. Fazer frente às diversas formas de Genocídio da População Negra, com discursos em defesa das #VidasNegras – banalizadas e descartadas pelas estruturas do Estado e da sociedade, sob legitimidade da mídia hegemônica.

4. Reverberar narrativas de felicidade e bem viver protagonizadas por pessoas negras, bem como, priorizar o bem-estar, a saúde e a qualidade de vida em nossas políticas editoriais, e em nossas atuações políticas-profissionais;

5. Refletir e questionar todas as lógicas opressoras de poder na sociedade que agregadas ao racismo potencializam nossas vulnerabilidades, tais como o sexismo, a cisheteronormatividade, desigualdade de classe e as geopolíticas de poder.

Assim, reafirmando a liberdade e autonomia das nossas entidades, nos comprometemos em atuar em conjunto com os movimentos sociais organizados, especialmente com os movimentos negros, em sua pluralidade, na luta por uma sociedade livre das violências coloniais que fundam este país. Para tal, reafirmamos a importância das práticas coletivas e em solidariedade entre nós, mídias negras, a fim de que nossos discursos reverberem ainda com mais força, pela perpetuação e sustentabilidade de nossas iniciativas.

Em tempo, clamamos a sociedade brasileira a estar atenta a ordem de desinformação e manipulação da informação vigente em nosso país, ao constante ataque aos defensores de direitos humanos e a importância de acompanhar e incentivar veículos de comunicação negros comprometidos com a promoção dos direitos e a defesa da democracia.

Ninguém mais vai calar o grito de liberdade!

Assinantes deste manifesto

- Alma Preta – Agência de Jornalismo
- Associação de Produtores do Audiovisual Negro – APAN
- Bahia 1798 – Rede de Mídia Livre
- Blog Gorda&Sapatão
- Blog Negro Nicolau
- Blogueiras Negras – Portal
- Canal Corpo Político – Ana Paula Rosário
- Canal Ela Preta Afronta – Milly Costa
- Canal Sapas Gordas – Milly Costa
- Canal Sapatão Amiga – Ana Claudina
- CMA HIP-HOP, Comunicação, Militância e Atitude Hip-Hop
- Coletivo Papo Reto
- Coletivo Terra Firme
- Comissão de Jornalistas Pela Igualdade Racial / SJPMRJ – Cojira Rio
- Cooperativa de Literatura Marginal
- Conexão Malunga
- Instituto Búzios
- Instituto Mídia Étnica / Correio Nagô
- Nação Z
- Notícia Preta – Portal
- Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros do Simdjors (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do RS)
- Portal BlackFem
- Programa Evolução Hip-Hop
- Programa Me Despache – Luciane Reis
- Projeto Afro
- QuilomboNews - Julio Menezes Silva
- Raízes TV
- Revista Afirmativa – Coletivo de Mídia Negra
- Revista Quilombo
- Site Mundo Negro
- Site Seja Extraordinária
- TV Raça

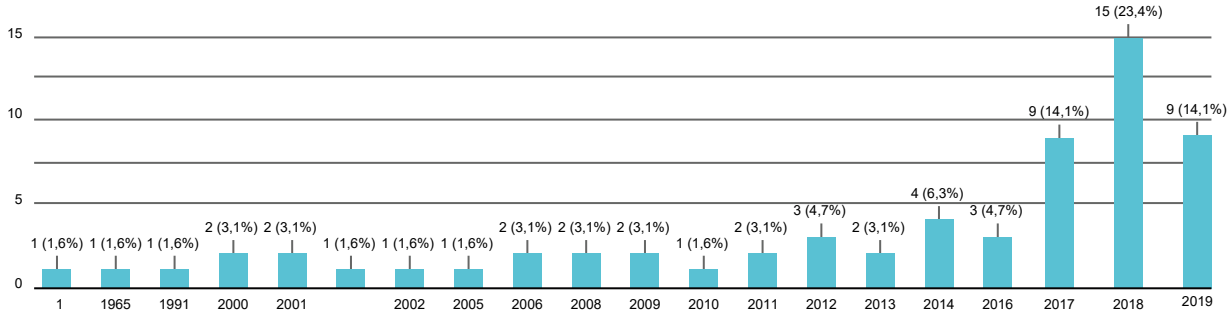
5 RESULTADOS - MAPEAMENTO DAS MÍDIAS NEGRAS

RESULTADO
65 respostas

ETAPAS DO MAPEAMENTO
Identificação
Perfil
Sustentabilidade
Contato

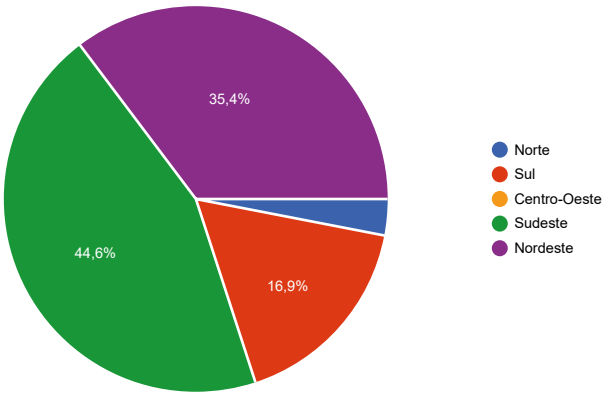
IDENTIFICAÇÃO

Ano de Fundação
1965 - 2019
Principalmente anos 2000
Pico em 2018 - 15 organizações



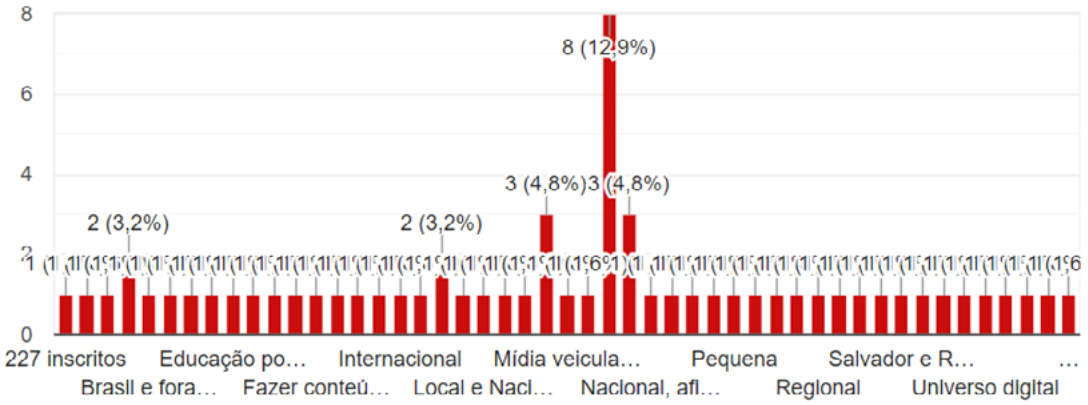
Como se identifica?
Veículo de comunicação - 44,4%
Coletivo - 12,7%
Ong - 7,9%

Onde está localizado?
Destaques
Sudeste - 44,6%
Nordeste - 35,4%

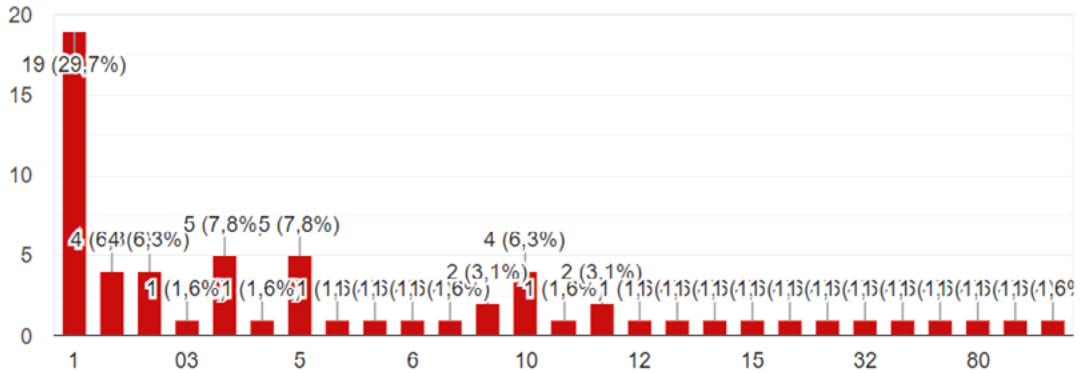


PERFIL

Qual a abrangência?
Maioria nacional

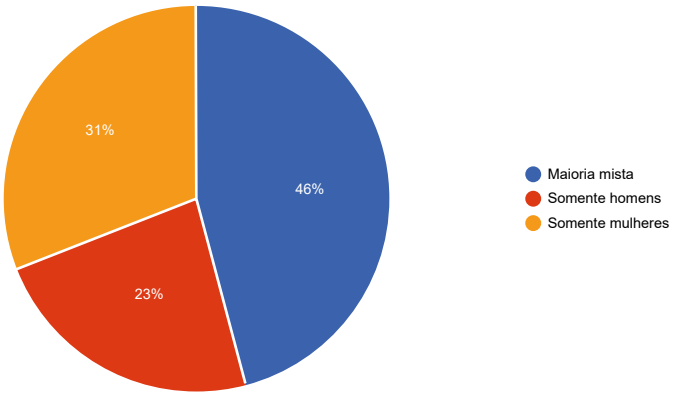


Quantas pessoas fazem parte?
Maioria de 1 pessoa - 29,7%

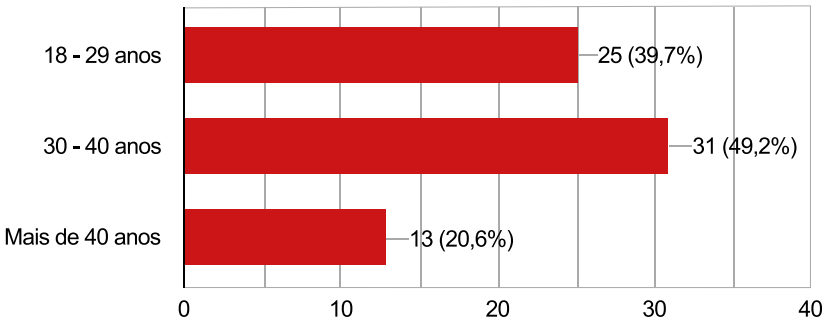


Quantidade de homens e mulheres?
Maioria mista - 46%
Somente homens - 23%
Somente mulheres - 31%

Destaque ao protagonismo feminino negro tanto nos veículos/coletivos/organizações de mulheres quanto nos veículos/coletivos/organizações mistos.



Faixa etária dxs integrantes?
Maioria em 30 - 40 anos (49,2%)

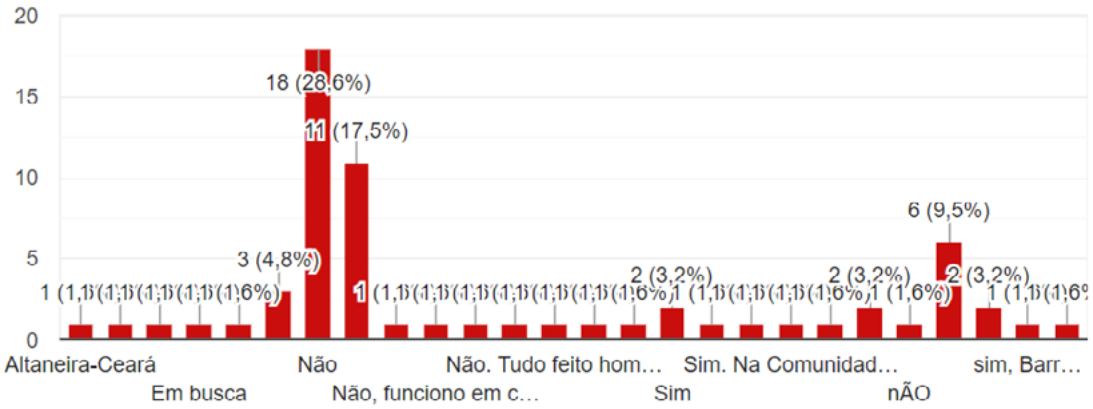


CURIOSIDADE - Número significativo entre 18 - 29 anos (39,7%)

Prioridades editoriais?
Combate ao racismo

Destaque para as temáticas relacionadas às mulheres negras (feminismo, lesbianidade, sexismo...)

Possui sede própria?
Maioria não possui



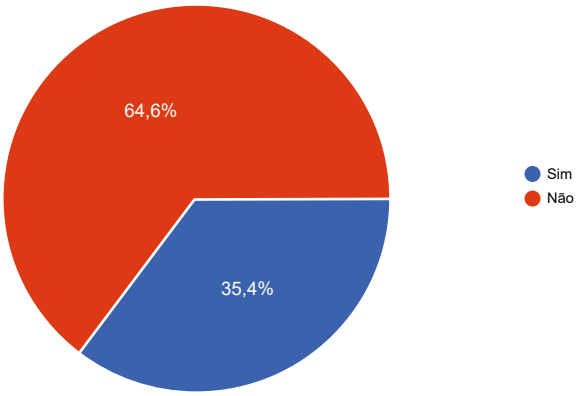
Formação do grupo?
Maioria de jornalista

Atua com os Movimentos Sociais?
Maioria sim com o Movimento Negro

SUSTENTABILIDADE

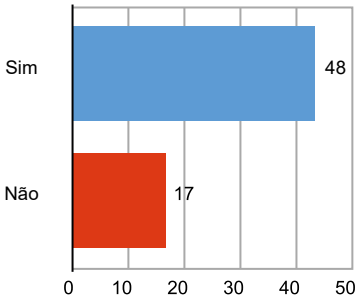
Quais são as formas de sustentabilidade?
Recursos próprios
Publicidade
Voluntariado
Editais

Possui CNPJ?

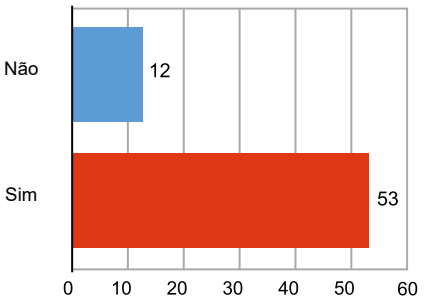


CONTATO

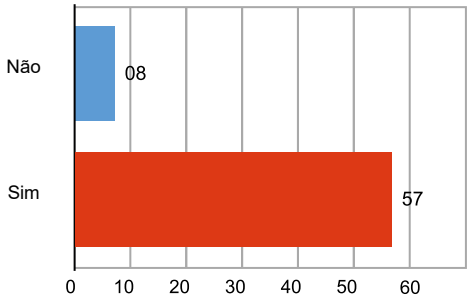
Tem site?
48 de 65 sim



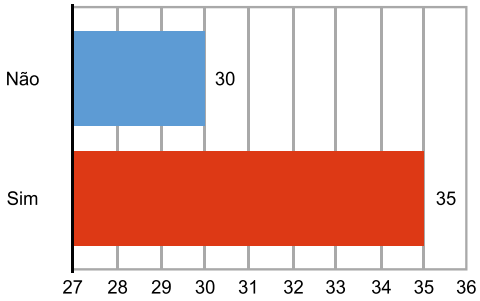
Está no facebook?
53 de 65 sim



Está no instagram?
57 de 65 sim



Está no twitter?
35 de 65 sim



A pesquisa foi um levantamento aberto ao público, realizado de forma online, no qual houve sessenta e cinco (65) respondentes que se identificam com a perspectiva da mídia negra ou com uma produção ancorada na luta contra o racismo e desigualdade no Brasil. Portanto, foram consideradas todas as respostas neste mapeamento.

ANEXO - CONTATOS

MÍDIA	SITE	FACEBOOK	INSTAGRAM	TWITTER
Tv Raça			@tvraca	
Ela Preta Afronta			@elapretaafronta	@elapretaafronta
Jornal NaçãoZ	www.nacaoz.com.br	@nacaoz		@nacao_z
Agência de Notícias das Favelas e Portal Bahia Black	https://bahiablack.com.br/ http://www.anf.org.br/	@Avozdafavela e @PortalBahiaBlack	@avozdafavela e @portalbahiablack	
Nagonianas	https://www.youtube.com/channel/UCjjQz1fn3zT0ysRn76emrtw	@Nagonianas/	@nagonianas/	
Imprensa Preta	Imprensapreta.com	@imprensapreta		
Sapatão Amiga	www.youtube.com/sapataoamiga	Sapatão Amiga	@sapataoamiga	@sapataoamiga
Boletim NEPAE-NESEN	http://www.jsncare.uff.br/index.php/bnn/index	@nepae-nesen		
Idade Mídia - Comunicação para Cidadania	http://idademidia.org/	@idademidia.org/	@idademidiaorg/	@idademida
Moni Assessoria de Comunicação		@simoneramosfotografia	simone.ramos	
Black and Nerd			@blackandnerd	
Uma Leitora Negra	leitoranegra.blogspot.com	@UmaLeitoraNegra	@UmaLeitoraNegra	
Articula Preta		@articula.preta	@articulapreta123	
Canal Pretagonistas	https://www.youtube.com/channel/UCTgBLXSHp1ywP4OGeaDQB8w			
Casa Poeticas Negras		@casapoeticasnegras	@casapoeticasnegras	
REVOLUTRANS	YouTube.com/revolutrans		@dandarafeliciaoficial	@dandaratrans
Consciência Negra/Diversidade Cultural		@josecarlos.mendes.581730		
https://kilombagem.net.br	https://kilombagem.net.br		@kilombagem/	@kilombagem
Portal SoteroPreta	www.portalsoteropreta.com.br	@SoteroPretaPortalAfrocultural	@portalsoteropreta	
BR BRAZIL	www.brbrazilshoe.com.br	@Brbrazilshow	@brbrazilshow	Brbrazilshow
Claudia Alexandre	claudinhaalexandre.blogspot.com	@Claudinha.alexandre	@claualex16	Claualex
Soweto organizacao negra	www.soweto.com.br			
Dequebra produções	mauriciopc793@hotmail.com			
Radio Web Zumbi	radiozumbijp.blogspot.com	@Radiozumbipb		
E aí, vamos conversar? Por Victória Ribeiro	https://www.youtube.com/channel/UCuMWyiMqYB_8do6KpG5QTmA	@conversandocomaVic	@vemanuele_	
Quilombo Cibernético	quilombocibernetico.home.blog	@Qcibernetico	@Qcibernetico	@Qcibernetico
Rede de Mulheres Negras do Paraná	http://rmnpr.org.br/	@RedeMulheresNegrasPR/	@rede_de_mulheres_negras/	
Marcha da Consciência Negra de Jundiaí		Marcha da Consciência Negra de Jundiaí	@marchadaconscienciaenegradejundiai	Marcha da Consciência Negra de Jundiaí
Blog Negro Nicolau	https://negronicolau.blogspot.com/	@BlogNegroNicolau/	@blognegronicolau	
Raízes TV		@raizestv	@raizesatv/	
Site Mundo Negro	www.mundonegro.inf.br	@sitemundonegro/	@sitemundonegro/	@sitemundonegro
ANMA Associação Nacional de Mídia Afro	www.anma.org.br	@anma		#anma
Renan G. Lemos | Fotografia		@renaofotografia/	@renaofotografia/	@renaofotografia
Lugar Afro	https://lugarafro.wixsite.com/blog	@lugarafro		
CULTNE	www.cultne.com.br	@cultne	cultne	
Rádio Boa Música FM	http://radioboamusicafm.com.br/	@radioboamusicafm/		@boamusicafm
Colarte	@colarte	Carte- Cético de Arte Urbana do Candeal	@colarteoficial	
Livro As bonecas negras de Lara	http://www.aparecidadejesusferreira.com/novo/livros-descricao/livro-as-bonecas-negras-de-lara/	groups/LivroAsBonecasNegrasDeLara/		
Canal Corpo Político		Canal Corpo Político	@can_corpopolitico	
Negros e Negras de Araguari		negrosenegrasdearaguari	negros_e_negras_de_araguari	
Artes Monifa			Salamaleico artes	
MAIPO Momento de Articulação e Integração Popular	http://www.cql.com.br/jancom	vamosconversando	_jose_amaral	_joseamaral
Manguecrew			Manguecrew_oficial	
Revista Afirmativa	https://revistaafirmativa.com.br/	@revistaafirmativa	@revistaafirmativa	@revistaafirmativa
Ação Comunitária Caranguejo Uçá	http://caranguejouca.blogspot.com/	@nucleodecomunicacaocaranguejouca/	@	
Tons de Preta			@tonsdepreta	
Mercafro - site	www.mercafro.com.br	Mercafro	@Mercafrosocial	Nao tem
Grupo kuanza		Grupo kuanza	Grupo kuanza	
Notícia Preta	www.noticiapreta.com.br	@noticiapreta	@noticiapretabr/	@NoticiaPreta
Ceará Criolo	www.cearacriolo.com.br	Ceará Criolo	@cearacriolo	@cearacriolo
Correio Nagô	www.correionago.com.br	@portalcorreionago	@correionago	@correionago
Comunica Dom Helder (Condoh)				
Gorda&Sapatão	www.gordaesapatao.com.be	/gordaesapatao		
Comunidade do samba	www.comunidadedosamba-rs.blogspot.com			@comunidade_ samba
Projeto Afro	http://projetoafro.com/	@projeto.afro/	@projeto.afro/	
Pretos Saudáveis	www.pretossaudaveis.com.br	@pretossaudaveis	@pretossaudaveis	@PretosSaudaveis
Ideias Pretas				
Gpreto: ousa quem fala !	gpreto.com.br			
QuilomboNews	www.quilombonews.com	@quilombo21/	@quilombonews/	https://twitter.com/quilombonews
@pretadireta			@pretadireta	
Instituto Raios de Sol				
Bantu Comunicações		@bantucomunicacoes/		
@anaferreirablog		Ana Carolina Santana Ferreira	@anaferreirablog	@ana_ferreira94
Portal Casting Black	www.castingblack.com.br	@portalcastingblack	@castingblack	@castingblack

6 ARTIGOS

À MÍDIA NEGRA BRASILEIRA – O LEGADO QUE NÓS TEMOS OU PELO O QUÊ COMUNICAMOS?

ALANE REIS

Alane Reis é jornalista, editora da Revista Afirmativa e militante do Odara Instituto da Mulher Negra, onde integra os programas de Comunicação e Direitos Humanos. É pesquiadora a nível de Mestrado (PPGCOM - UFRB) sobre Mídias Negras e projetos políticos de nação no Brasil.

Eis que recebo do Fórum Permanente pela Igualdade Racial (FOPIR) a responsabilidade de escrever este artigo que tem por objetivo refletir "o que é a Mídia Negra brasileira do século XXI? E pelo o quê comunicamos?". O convite me causa um misto de felicidade e apreensão pelo desafio de responder a estas perguntas que falam sobre centenas de coletivos, empreendimentos econômicos, portais, blogs, rádios, jornais, revistas, canais, páginas, expressões das mais diversas de pessoas negras comunicadoras que dedicam-se a produzir e reverberar conteúdos relacionados às negritudes e a sociedade brasileira.

É nesta teia emaranhada de tecnicidades, temporalidades, regionalidades, corpos gêneros e sexualidades, que entendo a diversidade de expressão contemporânea da Mídia Negra no Brasil. Por isso, mais do que tentar responder a primeira pergunta que me foi feita, atenho-me a refletir sobre a segunda questão: "Por quê comunicamos?". A pergunta, de ordem existencial, encontra terreno fértil na rica bibliografia sobre a imprensa negra dos diferentes tempos do passado, bem como, a ideia nessa prosa vem fortalecida de minhas próprias vivências, construções e observações cotidianas na mídia negra do presente, tal qual nos ensinou Patrícia Hill Collins (2016)[1] com seus escritos teóricos metodológicos de *Outsider Within* e o poder da autodefinição e da autoavaliação coletiva das mulheres negras e grupos negros em geral.

[1] COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a *Outsider Within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016

Refletir a imprensa negra como ação de anunciação de núcleos políticos organizados da população negra em luta por liberdade, autodeterminação e cidadania, há tempos não é novidade. Nem nos movimentos, nem na universidade. A pulsante imprensa negra paulista do início do século XX foi amplamente dissecada, principalmente por pesquisadores quase sempre interessados na memória do Pós Abolição e a organização política negra, em que se destacam as diversas Associações de Homens de Côr, organizações militantes pioneiras pós quilombos, irmandades e terreiros.

Estas associações, que também existiram como Sociedades, Clubes e Grêmios, lapidaram os caminhos das pedras nas primeiras décadas depois do 13 de maio de 1888, e eram presentes em quase todos os estados do Brasil, destacando-se sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Antônio Liberac Simões Pires (2006)[2] nos conta que invariavelmente as associações paulistas investiram esforços coletivos e individuais de negros letrados e profissionais liberais – em maioria, para criarem jornais de imprensa negra. O autor menciona 35 jornais atuantes naquele estado entre 1915 e 1963. Não era uma regra, mas a maioria destes veículos possuíam relação direta com alguma associação.

Desde o artigo inaugural dos estudos sobre imprensa negra, *A imprensa negra do Estado de São Paulo*, escrito em 1951 por Roger Bastide, que o citado conjunto de jornais paulistas eram considerados por pesquisadores do campo como o ponto inicial da imprensa negra brasileira. Perdendo o posto em 2006 pelo grato poder de Sankofa, pássaro guardião da Preta Velha Memória, que se balança sabida ao lado de uma árvore de Tempo, e que deu a Ana Flávia Magalhães Pinto[3] os caminhos de nos apresentar a imprensa negra carioca, nascida ainda em 1833. A autora também revelou jornais de imprensa negra no século XIX nos estados do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Não paramos mais. Há registros de veículos negros em diversos estados do Brasil em todas as décadas do século XX. E no século XXI, a matriz cultural e comunicativa imprensa negra, como aponta Jonas Pinheiro (2019)[4], atualiza-se como mídia negra – hoje tão variável em formato quanto permite as tecnologias. Em linguagens, temas e editoriais, a mídia negra é plural tal qual a expressão da humanidade de 115 milhões de pessoas negras (IBGE – 2019) espalhadas pelo país-continente Brasil.

Mas, o que mesmo quer dizer ser matriz cultural? Quais as semelhanças, diferenças e heranças da imprensa negra para a mídia negra contemporânea? Vamos pensando...

A busca por enunciação é a primeira semelhança. Dadas às diferenças de contextos e formas de manifestação do racismo, do jornal *O Homem de Cor* (1833) *pra cá*, a população

---

[2] Ver livro: **As Associações de Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista**, A. L. C. S. Pires (2006).

[3] Ver livro: **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX**, de Ana Flávia Magalhães Pinto (2010).

[4] Ver dissertação: PINHEIRO, Jonas. **Alma Preta e Afirmativa: Experiências contemporâneas de mídias negras na luta contra o racismo.** Programa de Pós Graduação em Comunicação, UFRB, 2019.

negra foi sempre mais violada do que representada pelos meios tradicionais de comunicação. Criar um jornal, uma revista, um portal ou um canal numa plataforma *streaming*, para pessoas negras, teve e tem a ver com a intenção de produzir conteúdos que fale sobre nós rompendo com as imagens de controle[5] determinadas pelo racismo-patriarcal e suas violências coloniais estruturantes.

O apelo e a consciência do papel de guardiões da Memória é outro fator de semelhança. Contar fatos políticos relacionados a datas emblemáticas e narrar histórias de pessoas negras que empenharam esforços para feitos de importância pública é outra prática comunicativa comum entre a imprensa e a mídia negra. Bem como, celebrar artistas, profissionais e políticos negros de destaque é conteúdo de sucesso antes de inventarem o conceito de Viralização e Sociedade em Rede.

Os jornais negros dos séculos passados publicaram sobre bailes, jogos, casamentos e enterros da gente negra que frequentava as associações dos homens de cor. Veiculavam textos sobre a importância do trabalho e da educação das crianças e jovens negros no ensino formal e profissionalizante. Denunciaram abusos da Guarda Nacional às Polícias. Tinham relações e compromissos com os grupos negros politicamente organizados. Houve os que publicaram "assuntos de mulher" como ser uma boa dona de casa e se manter bonita e respeitável.

Muitos reforçaram o mito da democracia racial a partir do discurso de que os negros faziam parte da "raça brasileira" e o que nos faltava para sermos iguais aos brancos era educação e trabalho. Elaboraram opiniões sobre os grandes debates políticos todos que estiveram em voga no Brasil, como a abolição do regime escravocrata, a independência de Portugal, instauração da República, ascensão do Comunismo e do Pan-Africanismo no mundo, Ditadura Militar e Redemocratização.

Em verdade, os discursos produzidos pelos jornais negros do século XIX e primeira metade do século XX, nem sempre estariam alinhados com os valores políticos progressistas tão característicos dos movimentos negros brasileiros contemporâneos. Porém, estes veículos sempre versaram sobre os projetos políticos de sociedade e nação que estiveram em voga enquanto atuantes, a fim de enunciar a desigualdade nos tratamentos e acesso aos direitos entre as pessoas negras e brancas, e reivindicar-se enquanto cidadãos plenos da sociedade que construíram.

Para nós, que construímos a mídia negra do século XXI, em formatos e temas o céu é o limite. O esforço por definir e conceituar esta experiência comunicativa também não me parece válido, já que a pluralidade, ousadia e inovação são para nós características fundantes. Olhando para trás, penso que o orgulhoso legado que herdamos da imprensa negra é o poder de cuidar e manter viva a Memória; disputar os imaginários sociais pela defesa da nossa humanidade; elaborar e reverberar o projeto político que queremos para o Brasil, esta nação que sempre nos foi como um campo de concentração, mas seguiu como o país mais negro do mundo fora da África – no contingente populacional e nas matrizes africanas de nossa cultura.

---

[5] Tradução do conceito *Controlling Images*. Ver em: COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York/London: Routledge, 2000.

Espaços políticos de encontro entre comunicadorus, jornalistas e blogueirus da mídia negra são ainda muito raros, e neste sentido, o FOPIR tem um mérito memorável pelo espaço de âmbito nacional promovido em outubro do ano passado, onde compartilhamos experiências, motivações e angústias de nossa prática profissional e militante. Nestes encontros observo entusiasmada que a obstinação que nos acompanha em fazer dos nossos sonhos, a janela dos sonhos de outras tantas pessoas negras, atravessou as gerações desde Francisco de Paula Brito, redator do *Homem de côr*, e segue viva. É preciso obstinação para construir mídia negra!

A sustentabilidade é uma grande questão para nós, visto que a tal disputa de narrativas com a mídia hegemônica exige qualificação profissional, domínio de técnicas e acesso a tecnologias, e tudo isso demanda tempo e dinheiro. Conseguir sustentar o trabalho, ou ainda, não ter que pagarmos para trabalhar, é um grande desafio para todas as mídias negras hoje atuantes no Brasil, mas tenho pensado que nosso desafio maior é outro.

O contexto político do país aponta a questão racial como via de salvação dos valores da utópica democracia brasileira. Esta, que como apontou Abdias Nascimento[6], ou será plurirracial e com igualdade de gênero, ou jamais será. Na mesma linha, grupos políticos e mega indústrias diversas, inclusive da comunicação, cedem espaços para pessoas negras porque a tag #RepresentatividadeImporta impacta em audiência, voto e lucro.

Os meios de comunicação hegemônicos agora nos querem na novela – não mais apenas para atuar como *trabalhadora doméstica, malandro ou gostosa da laje*. Sentamos nas bancadas de jornais e aparecemos nos comerciais. Porém, ainda festejamos exceções e superficialidades. Os espaços cedidos ainda estão longe de uma representação proporcional e os debates sobre os problemas mais estruturais gerados pelo racismo ainda são vetados, ou *tokenizados* – em muitas mídias brancas ditas progressistas.

Também precisamos não perder de vista que estamos vivendo uma conjuntura de ferrenha disputa de projetos político-ideológicos: dos mais conservadores e neoliberais, aos mais democráticos e decoloniais. O cenário geral pode parecer muito pessimista, mas nunca a reflexão sobre racismo foi tão presente no cotidiano da população, o que reflete a força irrefutável dos movimentos negros contemporâneos. O próprio crescimento de iniciativas de mídia negra faz parte deste contexto.

Neste sentido, tenho pensado que o maior desafio da Mídia Negra no Brasil reside no diálogo e alinhamento político das respostas que sairiam das cabeças de cada jornalista, blogueiru e comunicadoru de Mídia Negra, quando questionados: "Pelo quê comunicamos?". Disputar narrativas e imaginários em prol de promover a igualdade e enfrentar as violências coloniais estruturais é tarefa dificílima. É possível alcançarmos algum impacto de maneira isolada em nosso coletivo, portal, página, blog ou vlog. Mas em diálogo, blocando pautas, compartilhando nossos conteúdos, pensando estratégias coletivas de sustentabilidade, nos forjando enquanto movimento e fortalecendo os movimentos, multiplicamos a nossa força.

---

[6] Ver livros: **O genocídio do negro brasileiro** (1978) e **O Quilombismo** (1980).

A sobrevivência: uma canção iluminadora.

EDSON LOPES CARDOSO

Edson Cardoso é doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), coordenador do Irohin - Centro de Documentação, Comunicação e Memória Afro-brasileira.

Ministério da Economia
Seu Presidente,
Sua Excelência mostrou que é de fato,
agora tudo vai ficar barato
agora o pobre já pode comer.
Seu Presidente,
pois era isso que o povo queria
o Ministério da Economia
parece que vai resolver.
Seu Presidente,
graças a Deus não vou comer mais gato
carne de vaca no açougue é mato
com meu amor eu já posso viver.

Eu vou buscar
a minha nega pra morar comigo
porque já vi que não há mais perigo
ela de fome já não vai morrer.
A vida estava tão difícil
que eu mandei a minha nega bacana
meter os peitos na cozinha da madame
em Copacabana.
Agora vou buscar a nega
porque gosto dela pra cachorro.
Os gatos é que vão dar gargalhada
de alegria lá no morro.

Quero convidar improváveis leitores para me acompanhar na leitura dos versos de uma antiga canção, transcrita acima, que trata de bem-sucedida estratégia de sobrevivência.

Para comer, o povo, o pobre, os negros precisam de uma intervenção do governo na economia, ou melhor, de um órgão que cuide da economia em benefício da população mais carente, a qual, do contrário, sucumbirá diante da "carestia", da inflação e morrerá de fome.

Há dois espaços contrastantes no universo da canção: morro e Copacabana, significando carência e abundância. "Minha nega" é mandada para emprego doméstico em Copacabana, mandada na crise para servir na cozinha da madame. Há clara indicação de dominação homem/mulher, há classe social, há cor.

O homem, a voz individualizada na canção, "manda" e a mulher obedece. A justificativa, que soa cínica, é que o homem está preocupado com a sobrevivência da mulher, por isso ela vai labutar na cozinha da madame. "A vida estava tão difícil", mas o que o homem faz, diante do agravamento do quadro, é mandar a mulher encarar a dureza do serviço doméstico. O homem, efetivamente, não tem ocupação.

Com a bonança que "parece" se anunciar com a criação do Ministério da Economia, o

homem pode trazer de volta a mulher, voltarão a viver juntos no morro. Vislumbram-se relações de exploração e dominação em diferentes níveis. O homem não mete os peitos, não enfrenta as dificuldades e, em vez disso, toma providências para que a mulher o faça. Na crise, manda trabalhar; na bonança, manda buscar de volta para o morro.

Note-se que a não-participação masculina não é de modo algum justificada. Não precisa. Não parece também sujeita a nenhum tipo de censura. É assim porque é assim, e pronto.

Não há comida, comem-se os gatos. Alimento extraordinário que se deve evitar diante de alternativas mais tradicionais, fartas, abertas no futuro com a criação do ministério. No horizonte da propaganda anuncia-se o fim da carestia. Há muita ironia na projeção feliz: ouvido o clamor popular, o governo intervém, os preços dos alimentos tornam-se acessíveis, a comida aparece, afasta-se o perigo da morte pela ausência de alimento, o casal se reencontra, os gatos também sobrevivem.

Na gravação de Geraldo Pereira, 1951, intérprete original da canção, ele imita os gatos, que miam. Na versão de Jards Macalé, salvo engano de 1987, os gatos gargalham, o deboche é o mesmo, estamos no terreno do improvável e do irrealizável, de pouca ou nenhuma efetividade das medidas governamentais.

Na sequência de animais, “gato”, “vaca” e “cachorro”, os dois primeiros são pares contrastantes, carência e abundância, enquanto “cachorro” é um intensificador do sentimento do locutor para com sua “nega”, mas soa irônico, diante do que efetivamente ficou dito sobre o uso que faz de sua “nega”.

A canção debocha das expectativas da propaganda oficial quando do anúncio da criação do Ministério da Economia por Getúlio Vargas. Sua força desmoralizadora era temida ainda em 1974, sob a censura da ditadura militar, e uma regravação de Leci Brandão foi proibida de circular.

Ouvimos com frequência a versão de Jards Macalé, com arranjos de Júlio Medaglia. Gosto da melodia, acho a letra um primor de entonação irônica, que nada tem de marginal à canção, a ironia é informação essencial à abordagem crítica do “Ministério da Economia”. Geraldo Pereira e Arnaldo Passos são os compositores. Segundo consta, há dúvidas sobre a participação real de Arnaldo Passos.

Mas é essencial considerar que a estratégia de sobrevivência está ancorada no trabalho feminino, de que o homem se aproveita. São contradições internas ao mundo negro, opressões devastadoras. O entorno maior oprime os negros e, no interior da comunidade, o homem explora a mulher.

Como se sabe, os negros sobreviveram/sobrevivem apesar da ausência de políticas públicas em seu benefício. A canção de Geraldo Pereira, ao colocar o esforço feminino no centro de nossas estratégias de sobrevivência, abre pistas seguras para compreendermos esta questão essencial: afinal, como chegamos até aqui?

A INCIDÊNCIA DOS INFLUENCIADORES DIGITAIS NEGR@S PARA O COMBATE AO RACISMO

Vencedora do concurso Youtube Nextup e atual **embaixadora Seda Brasil**, Gabriela está na **lista de mulheres inspiradoras, da Think Olga**, e já palestrou no **Rio2C, LatinAmerica Education Forum (LAEF) e no Brazil Conference, na Universidade de Harvard.**

Formada em Comunicação Social (UERJ) e com **28 anos**, Gabi Oliveira, em pouco mais de 4 anos de trabalho na internet, conquistou notório reconhecimento , tendo chegado a **marca de mais de 900 mil seguidores em suas redes.**

Gabi também colaborou em campanhas da **Onu Mulheres** e foi uma das participantes do programa **Creators For Change, da Google, em Londres.**

Além disso, já cobriu eventos como o **SXSW** (considerado um dos maiores festivais de tecnologia e inovação do mundo) e o **Rock in Rio.**

GABI OLIVEIRA (DEPRETAS)

A partir do ano de 2015, emergem, no Youtube, canais liderados por pessoas negras e que buscam tratar temas relacionados às questões étnico-raciais no Brasil. Por isso, assuntos antes restritos aos espaços acadêmicos e a blogs como Blogueiras Negras e Geledés, começam a chegar a um público mais amplo através do formato de vídeo. Atualmente, os cinco maiores canais que surgiram nesse período, já com o recorte de combate ao racismo, acumulam entre eles mais de um milhão e trezentos mil inscritos e mais de 52 milhões de visualizações. Mas o que esses números realmente significam?

Ao contrário do que acontece nas mídias tradicionais como TV e rádio, através da internet qualquer usuário, com acesso à rede, pode emitir a mensagem que lhe convém por meios de textos, fotos ou vídeo. Por isso, nos últimos anos, as redes sociais se estabeleceram como um local de intensa troca de informações. A necessidade de se comunicar é algo inerente ao ser humano. Com isso, as sociedades urbanas têm feito da comunicação online uma maneira cada vez mais comum de estabelecer diálogos com pessoas de diferentes locais, idades, etnias e classes sociais, inclusive, para trazer luz a assuntos que antes eram discutidos em grupos isolados, e que agora podem se tornar fonte de debate para muito mais pessoas, já que o espaço virtual independe da barreira espacial.

Mas, não podemos negar que, mesmo nesse espaço, tido como mais livre, assim como em outras movimentações sociais, a comunicação através das redes também traz à tona contradições e desigualdades. Logo, a partir do entendimento de que a cultura digital é resultado dos vários processos históricos que relacionam comunicação e tecnologia, o estudo sobre os fenômenos sociais e as exclusões gerados por ela tornam-se cada vez mais relevantes. Por exemplo, a pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest, divulgada em dezembro de 2019, mos-

trou que entre os 15 maiores influenciadores do Brasil, nenhum deles é negro.

Em relação a raça, como sabemos, o Brasil traz consigo até hoje o peso da discriminação racial estabelecida durante a escravidão. Por exemplo, a população negra, ainda hoje, se encontra atrelada aos piores índices quando falamos de acesso à educação, saúde, saneamento básico. Ainda assim, apesar da segregação comprovada através de pesquisas, no Brasil as discussões sobre questões raciais por muitos anos foram dificultadas pelo mito da democracia racial, defendido desde o início do século XX e popularizado pelo autor Gilberto Freyre. Ele, junto com alguns brasilianistas americanos, defendia que o Brasil havia superado de maneira bem-sucedida a divisão racial estabelecida através da escravidão e que, por ter grande parte da população oriunda da miscigenação, não pode ser considerado um país racista, pois a discriminação se daria por classe e não pela raça.

Ademais, depois de anos desse mito sendo reforçado, a partir de 2009, com a publicação do livro "Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil", foi iniciado um movimento liderado pela extrema-direita para desmoralização das pautas relacionadas ao Movimento Negro brasileiro. Esse grupo passa então a utilizar vídeos em redes sociais como Youtube e Facebook para disseminar informações como as de que negros vendiam os próprios negros, Zumbi dos Palmares não deveria ser visto como herói pois escravizava outros negros, cotas raciais deveriam ser vistas como inferiorização da população negra, orgulho pardo e etc.

Diante do contexto de crescimento das redes sociais e de disseminação das ditas pós-verdades, urge a necessidade de ampliação e democratização de debates relevantes para população negra, com fontes confiáveis e em linguagem acessível. Canais como dos criadores Ad Junior, Ana Paula Xongani, Gabi Oliveira, Maria Estela Ramos, Murilo Araújo, Nataly Neri, Nathalia Romoaldo, PH Côrtes e Xan Ravelli passam então a desempenhar o papel de tradutores de assuntos antes restritos às universidades para que estes cheguem a massa da população negra, que em sua maioria não acessa os espaços acadêmicos.

Nesse ponto, é necessário o entendimento de que vídeos em redes sociais são uma nova mídia, com uma nova forma de fazer com que uma mensagem seja comunicada. Isso, por sua vez, não estabelece uma disputa entre formatos, mas sim a amplificação de uma mensagem, já que a mesma poderá chegar em diferentes públicos. Para exemplo, podemos trazer jornais impressos e jornais televisionados, que apesar de terem as mesmas notícias a serem propagadas, têm formatos e públicos-alvo diferentes.

Assim, canais como os mencionados passam a levantar e amplificar discussões, estimular a reflexão e denúncia em casos de racismo e, além disso, criar narrativas de combate a desinformação espalhadas por canais de extrema-direita. Temáticas como a de valorização da história e estética negra, racismo estrutural, colorismo, heróis negros, cotas raciais, privilégio branco, termos racistas e solidão da mulher negra passam a se popularizar, chegando assim a um grande público, interessado em saber mais sobre esses assuntos. Além disso, tratando de temáticas do cotidiano, esses criadores passam a normalizar a existência de pessoas negras para além dos estereótipos antes impostos pelas mídias tradicionais. Vários desses canais extrapolam o conteúdo racial falando sobre seu cotidiano, suas experiências, alimentação, viagens e entretenimento.

Apesar de ainda não termos uma pesquisa para mensurar especificamente o impacto dos canais que abordam as questões raciais como temática principal, um estudo realizado pelo Ibope Inteligência, aponta que 52% dos internautas brasileiros seguem um influenciador digital. E, 74% dos seguidores afirmam que conteúdo com informação relevante faz com que eles sigam esses perfis. E, ainda segundo o levantamento, 76% das pessoas que utilizam as redes sociais no Brasil são impactadas pelos influencers. Além desses dados, temos também o movimento de transição capilar como exemplo de como discussões no meio digital podem influenciar o mundo offline.

Em 2013, para minha pesquisa de conclusão no curso de Comunicação Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, fiz do grupo "Cacheadas em Transição" o meu objeto de estudo. Localizado no Facebook e criado em 2012, através da observação do mesmo foi possível perceber a importância daquele espaço virtual para a valorização dos traços fenótipos negros, principalmente o cabelo, que foi indicado como uma das principais caraterísticas a ser renegada no processo de construção da imagem da mulher negra na sociedade brasileira. E, apesar de para muitas pessoas essa parecer apenas uma transformação estética, pelos diálogos estabelecidos no grupo, foi perceptível que muitas participantes não mudaram apenas seus cabelos, mas sim a forma como se veem. A mudança capilar passou então a ser entendida como uma posição política, onde mulheres negras decidem que não vão mais se render aos padrões de beleza pautados nas características de pessoas brancas.

Cinco anos depois da criação do grupo de Facebook e de diversos canais no Youtube que abordavam o tema da transição capilar, uma pesquisa de 2017 mostrou que pela primeira vez as buscas por cabelos cacheados tinham ultrapassado as buscas por cabelo liso. Para acrescentar, o mercado da publicidade e o de produtos para cabelo crespo e cacheado mudou. Hoje temos mais produtos e vemos mais cabelos naturais em todos os espaços. Nesse período também cresceram grupos como o Crespinhos SA, página e produtora de eventos com crianças negras orgulhosas dos seus cabelos crespos.

Além do que já foi apresentado como indicativo de que discussões apresentadas nas redes geram transformações em diversos aspectos sociais, é possível também observar nas redes dos influenciadores negros um grande número de comentários agradecendo pelo conteúdo exposto, demonstrando identificação com o compartilhamento de vivências, trazendo relatos de mudança de visão e comportamento. Além de mais e mais pessoas se demonstrarem dispostas a não se calarem diante de situações de racismo. Também é comum que os vídeos dos canais aqui citados sejam compartilhados em escolas, oficinas e mencionados em materiais didáticos.

Por isso, é importante destacar que para além dos números, é necessário entender que o conteúdo feito por influenciadores negros comprometidos com o combate ao racismo é feito por pessoas e para pessoas. E pessoas não são números, mas sim agentes sociais capazes de disseminar as mensagens recebidas e dessa forma causar transformações de cunho coletivo. Assim sendo, hoje, entendemos que é essencial que tenhamos criadores de conteúdo negros ocupando um espaço ainda tão embranquecido, disseminando mensagens de conscientização no aspecto racial e influenciando positivamente aos seus seguidores. Mas tendo consciência que todos nós somos influenciadores e agentes de transformação.

****

https://airfluencers.com/blog/quem-sao-os-seguidores-dos-influenciadores-digitais/

https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/08/produtos-para-quem-assume-o-cabelo-cacheado-vendem-como-nunca-no-pais.shtml

https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/whindersson-nunes-e-considerado-o-maior-influenciador-digital-do-brasil-veja-lista/

https://cosmeticinnovation.com.br/na-onda-do-cabelo-cacheado-e-natural-surgem-novos-servicos-e-produtos/

COMUNICAÇÃO E LUTA CONTRA O RACISMO NO BRASIL: DOS PASQUINS ÀS MÍDIAS NEGRAS

JONAS PINHEIRO

Jornalista e pesquisador de mídias negras é integrante da Revista Afirmativa e mestre em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A história da diáspora negra no Brasil é marcada por uma série de resistências e enfrentamentos ao racismo e domínio europeu. Há uma história negligenciada que em dado nível invisibilizou as lutas dos povos negros do país, os reduzindo no "panteão" da historiografia à condição de escravos. Faz parte destes processos de luta o uso de meios de comunicação, existe um vasto histórico de produções negras que visavam subverter a lógica racista da sociedade brasileira em seus diversos contextos. A, assim chamada, imprensa negra participa de parte considerável da história das populações negras, mesmo quando ainda vigorava a escravização no país. Estes veículos estiveram presentes ao longo das disputas políticas do Brasil, não permanecendo alheias ao que acontecia nos contextos nacionais e até mesmo internacionais.

O primeiro pesquisador a tirar os jornais negros do anonimato e trazer para o conhecimento acadêmico, dando status de documento histórico, foi o sociólogo francês Roger Bastide em 1951. Merece destaque a pesquisa da brasileira Miriam Ferrara (1985), que em seus trabalhos fez importante levantamento da existência de jornais negros paulistas e gaúchos do século XX. Mesmo sendo de conhecimento dos pesquisadores possíveis publicações anteriores, o trabalho de Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) é o primeiro a se debruçar sobre as produções da imprensa negra no século XIX. Até então, a maioria das pesquisas consideravam como marco da imprensa negra brasileira os jornais paulistas do início do século posterior. Cabe salientar que a imprensa negra é uma experiência diversificada, mesmo quando produzidas em contextos próximos e com relações entre si, os jornais não necessariamente estavam alinhados ou foram pensados como um movimento ordenado.

Estima-se que o primeiro jornal da imprensa negra no Brasil surge em 14 de setembro de 1833, na Tipografia Fluminense de Francisco de Paula Brito, com o pasquim *Homem de Côr*, que a partir de sua terceira edição passou a ser chamado *O Mulato ou o Homem de Côr*. O periódico durou cinco edições e circulou entre setembro e novembro do mesmo ano na capital do Império a época, o Rio de Janeiro. No entanto, uma experiência embrionária anterior acontecida na Bahia merece destaque. Antes do que é considerado o surgimento oficial da Imprensa no Brasil (1808), na Salvador de 1798, pessoas negras utilizaram como catalisador para a Revolta

dos Búzios[1], boletins manuscritos colados em locais estratégicos da cidade. Nos boletins sediciosos[2], insurgentes em sua maioria negros reivindicavam a fundação da Republica Bahianense e convocava os baianos a lutar contra a escravidão, exigindo o fim da discriminação social e racial. A ousadia de Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino resultou em suas mortes brutais orquestradas pela Coroa Portuguesa.

Do mesmo período do *Homem de Côr* (1833) e também no Rio de Janeiro, Ana Flávia traz à luz os jornais: *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho e O Lafuente*. Estes jornais constituem esse primeiro momento da imprensa negra brasileira e circularam entre setembro e novembro de 1833. Apesar de não necessariamente estarem coordenados entre si, as publicações tinham como mote principal a identificação com o ser afro-brasileiro e trazer em seus textos contestação acerca do "preconceito de cor". Um dos aspectos principais das publicações, e que vai ser uma tônica em toda história da imprensa e mídias negras, são as demarcações de identidade negra em seus títulos. Estes primeiros pasquins da imprensa negra eram produzidos por negros libertos e letrados, que questionavam o tratamento recebido pelo Império, reivindicando o que assegurava a Constituição de 1824, que já mencionava a igualdade para todos os cidadãos[3].

Na segunda metade do século XIX e em outros locais do país, outras experiências da imprensa negra são apontadas por Ana Flávia. Na província de Pernambuco surge *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social* (1876). Mais de uma década depois e em um Brasil com a escravização abolida, abre-se consequentemente um leque de possibilidades que permitem maior organização das populações negras, agora institucionalmente livres. O processo desencadeia desta forma o surgimento de mais duas publicações em São Paulo. Os jornais *A Pátria* (1889) e *O Progresso* (1899) possuíam ambos o mesmo subtítulo, "*órgam dos homens de côr*". Há de se assinalar o fato destes órgãos de homens de cor produzirem seus próprio jornais, já que prenuncia uma fase posterior no século XX em que irão se multiplicar o número destas organizações e consequentemente de publicações da imprensa negra. No Rio Grande do Sul o jornal *O Exemplo* chegou às ruas de Porto Alegre em 11 de dezembro de 1892, e se classificava como literário, crítico e noticioso. A publicação é uma das experiências mais duradouras da imprensa negra e perdurou por 37 anos com interrupções ao longo da história, encerrando-se somente no ano de 1930 devido à quebra da Bolsa de Nova York.

O início do século XX inaugura um período de maior politização das populações negras, recém-libertas e num país com novo sistema político. As publicações da imprensa negra neste período concentram-se em São Paulo e tem ligação direta com as Associações dos Homens de Cor e movimentos organizados. No entanto, existem vestígios de periódicos em outros estados da recém-proclamada República. Como aponta Simões Pires (2006) Estes clubes eram forma-

---

[1] Ao movimento é também dado os nomes de Revolta dos Alfaiates ou Revolta das Argolinhas. Os nomes derivam das maneiras que os insurgentes utilizavam para se identificar, e das características dos que participaram. Eles utilizavam búzios em pulseiras e argolas para se reconhecerem entre si, sendo a denominação Alfaiate devido à função que muitos dos participantes exerciam.

[2] Os boletins podem ser acessados no Projeto "Exposição Virtual do Arquivo Público da Bahia (APB)/Fundação Pedro Calmon (FPC)" disponível no site: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/arquivos/File/buzios/index.html#>. Acesso em: 12 de ago. de 2019.

[3] Vale lembrar que os escravos não eram considerados cidadãos neste momento.

dos por grupos aos moldes das colônias estrangeiras e produziam seus próprios jornais, desta forma naquele contexto mais urbano os trabalhadores negros passam a se organizar de forma similar. Desta feita, é possível encontrar em São Paulo os jornais negros: *O Combate*, em 1912; *O Menelick*, em 1915; *O Bandeirante*, em 1918; *O Alfinete*, em 1918; *A Liberdade*, em 1919; e *A Sentinela*, em 1920. Em Campinas se destacam *O Baluarte*, em 1903, e *O Getulino*, em 1923.

Duas publicações deste período merecem destaque pela relevância e importância dentro das organizações negras. *O Clarim*, que posteriormente muda de nome para *O Clarim d'Alvorada*, foi publicado de 1924 a 1932, e é considerado um dos principais jornais da imprensa negra brasileira, chegando a manter relações diretas com publicações estadunidenses. Na década de 1930 o jornal *A Voz da Raça* (1933-1937), se constitui como porta-voz da Frente Negra Brasileira (FNB) até o penúltimo ano de existência da organização. Um dos maiores grupos de negros organizados do país possuía majoritariamente um viés integralista (movimento de extrema direita brasileiro) e em seu subtítulo o pasquim trazia a frase: 'Deus, Pátria, Raça e Família'. Apesar de um ponto em comum, a luta antirracista, percebe-se ao longo da história e, sobretudo neste momento, as diferentes tendências políticas assumidas dentro da imprensa e das organizações negras.

A ditadura varguista, entre os anos 1937 e 1945, foi marcada por um período de repressão política, inviabilizando os movimentos de contestação de modo mais amplo. As publicações negras voltam a figurar após o fim do período de repressão. Em São Paulo surgiram o jornal *Senzala* (1946), *Novo Horizonte* (1946), *Mundo Novo* (1950), *Notícia do Ébano* (1957), *O Mutirão* (1958), *O Níger* (1960) e *Correio D'Ébano* (1963). No Rio de Janeiro foram lançados: *O Quilombo* (1948-1950), *Redenção* (1953), *A Voz da Negritude* (1954) e em Campinas surgiu o *Hífen*, em fevereiro de 1960. Como no século XIX, os nomes dos jornais reivindicam em seus títulos uma posição identitária de articulação política, se auto inscrevendo como espaço de afirmação cultural e simbólica. Um movimento que merece ênfase pela importância e foi responsável pela publicação do Jornal *O Quilombo* é o Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado pelo escritor, poeta, dramaturgo, professor universitário e militante dos direitos dos negros, Abdias do Nascimento.

O golpe militar de 1964 novamente desarticulou o movimento negro, pondo suas lideranças praticamente na semiclandestinidade, como aconteceu com outras lutas políticas que estavam em curso no período. Depois de anos de repressão violenta o processo de abertura política do Brasil possibilitou (e foi possibilitado) pela reorganização dos grupos políticos em geral. É quando a imprensa negra volta a florescer: *SINBA* (1977), *Africus* (1982), *Nizinga* (1985) no Rio de Janeiro (este último é produto do Coletivo de Mulheres Negras Nzinga fundado por Lélia Gonzalez e outras ativistas e é precursor ao discutir feminismo negro); *Jornegro* (1978), *O Saci* (1978), *Abertura* (1978), *Vissungo* (1979), em São Paulo; *Pixaim* (1979), em São José dos Campos/SP; *Quilombo* (1980), em Piracicaba/SP; *Nêgo* (1981), em Salvador/BA; *Tição* (1978), no Rio Grande do Sul, além da revista *Ébano* (1980), em São Paulo (DOMINGUES, 2008).

O maior destaque deste período é o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, do qual o jornal *A Abertura* chega a participar junto com uma série de outras organizações negras. O MNU depois de constituído passa a produzir boletins informativos para divulgar as ideias políticas do movimento. É de um destes boletins que surge o *Jornal Nacional do MNU*, inicialmente *Nêgo – Boletim do MNU-Bahia*, surgido em 1981. A partir de 1987 o boletim passa a se chamar *Nêgo – Jornal do Movimento Negro Unificado*. Em 1989 por decisão

do congresso do MNU o periódico passa a se chamar *Jornal do Movimento Negro Unificado*, abandonando a denominação Nêgo.

Na década de 1990, motivado pelas discussões que se estabeleceram no pós-Marcha Zumbi dos Palmares[4] surge em 1995 o Jornal Ìrohìn (1996), editado por Edson Cardoso, o periódico circulou entre 1996 e agosto de 2009. Também de 1996, data a Revista Raça Brasil que foi lançada em setembro deste ano, fundada por Aroldo Macedo, e já no seu primeiro número, indicou a linha editorial direcionada à exaltação e afirmação da "beleza negra". A Revista é um dos poucos veículos do segmento da imprensa negra que conseguiu ter certa longevidade[5], sendo publicado até os dias hoje, o que certamente tem relação com o fato da publicação dialogar com os formatos hegemônicos do mercado editorial.

O que fica perceptível neste breve histórico da imprensa negra brasileira é que este movimento da comunicação esteve presente em diferentes momentos do país atreladas aos variados contextos históricos, e reivindicando mais direitos para as populações negras. Apesar de ser um movimento diverso, e há riqueza neste fato, é possível perceber que, de maneiras variadas, o foco sempre foi a luta e o debate racial. Neste processo, o histórico da imprensa negra funciona como uma espécie de matriz comunicativa[6], que dá origem ao que já denomino neste artigo de **mídias negras: meios de comunicação produzidos e gerenciados por pessoas negras com ênfase neste marcador sociocultural e que têm como intuito a luta contra o racismo em suas diversas instâncias sociais e políticas.**

A vasta produção da imprensa negra se transforma ao longo do tempo, criando uma tradição de escrita e jornalismo negro. Com a criação de novos formatos e tecnologias este movimento diluiu-se, como sugere José Antônio dos Santos (2011) em sua *Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil*, nos novos meios de comunicação de massa e em uma sociedade cada vez mais midiatizada[7]. São novos modos de socialidade em produções que têm como cerne principal a luta contra o racismo, que por sua vez assume novas configurações à medida que os contextos sociais e culturais se transformam. Sendo assim, é possível encontrar uma produção negra na comunicação com formatos e linguagens diferentes, desde o cinema negro de Zózimo Bulbul na década de 1970[8], às novas blogueiras (os), youtubers e influenciadores digitais. Veículos contemporâneos como a *Revista Afirmativa*, *Alma Preta*, *Correio Nagô*, *Geledés* dentre

---

[4] *A Marcha Zumbi 300 anos, contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida* é um dos marcos do Movimento Negro Brasileiro e reuniu 30 mil pessoas em Brasília, em 1996, no aniversário de 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares denunciando o racismo e a ausência de políticas públicas para as populações negras.

[5] Algo comum nas mídias negras são as dificuldades para manutenção dos projetos editoriais, o que por vezes culmina no fim destes veículos.

[6] O conceito é oriundo da proposta de Mapa das Mediações proposto Martin-Barbero (2008).

[7] Ver Muniz Sodré (2006)

[8] Os debates acerca do cinema negro apontam para uma relação com o movimento do Cinema Novo, que na década de 1970 produz alguns filmes que tocam na temática racial. Um destes filmes é Em Compasso da Espera (1973), filme dirigido por Antunes Filho, e estrelado por Zózimo Bubul. No mesmo ano, Zózimo lança o curta Alma no Olho (1973), que vence prêmios nacionais e internacionais, sendo "tratado por ativistas e pesquisadores como pedra fundamental do cinema negro brasileiro" (CARIBÉ, 2017, p. 60). Outro destaque acerca do audiovisual citado por Pedro Caribé (2017) é a experiência na radiodifusão da TV da Gente, projeto liderado por Netinho de Paula, que, no entanto, não se consolidou e durou entre 2005 e 2007.

outros, se acrescentam à luta histórica dos movimentos negros e bebem na fonte dos seus antepassados, que utilizaram da comunicação para lutar pelo nosso povo ao longo da história.

REFERÊNCIAS

CARIBÉ, Pedro Andrade. AUDIOVISUAL NEGRO BRASILEIRO: POR UMA RECONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE A PARTIR DOS DIREITOS AUTORAIS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 21, p. 52-63, fev. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/226>. Acesso em: 06 ago. 2019.

DOMINGUES, P. *Cidadania levada a sério: os republicanos de cor no Brasil.* In: DOMINGUES, D.; GOMES, F. (Org.). **Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil .** São Paulo: Selo Negro Edições, 2014. recurso digital. p. 99-125.

_____, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões - Revista de História da UFES**, Vitória (ES), nº 21, p. 121-124, 2008. Disponível em: < http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2485>. Acesso em: 06 de ago. de 2019.

FERRARA, Miriam N.. A imprensa negra paulista (1915/1963). **Revista Bras. De Hist**., São Paulo, v.5, n.10, março/agosto 1985, p. 197-207. Disponível em: < https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 06 de ago. de 2019.

LENE, Hérica. Memória e história da imprensa na Bahia: os pasquins sediciosos da Revolta de 1798. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. *Anais*...São Paulo: Intercom. Disponível em: < http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/lista_area_DT1-HJ.htm >. Acesso em: 17 de jul. 2019.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta** - a imprensa negra no século XIX (1833-1899). 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

PIRES, A. L. C. S. . **As Associações de Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista.** 1. ed. Belo Horizonte: Daliana - MEC/SESU/Secad- Neab-UFT, 2006. v. 1000. 150p.

SANTOS, José Antônio dos. Uma Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil. **História.** Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011a, p. 143-160. Disponível em: < https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615 >. Acesso em: 06 de ago. 2019.

SODRÉ, Muniz. *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad. 2006. p. 19-31.

TECNOLOGIA ANTIRRACISTA: A RESPOSTA DAS MULHERES NEGRAS

LARISSA SANTIAGO

Larissa Santiago é baiana de Salvador, feminista negra. Formada em comunicação social com especialização em publicidade, tendo passado por diferentes agências de publicidade e tecnologia em Salvador, João Pessoa e Recife. Hoje se dedica a coordenar espaços virtuais e offline junto com as Blogueiras Negras. Além disso, compõe a Rede de Mulheres Afrolatinamericanas, do Caribe e da Diáspora (ARMADD), Rede de Ciberativistas Negras, a Organização #MeRepresenta, dentro outros espaços do ativismo no Brasil.

Pensar na tecnologia e como ela tem pautado nossa vida cotidiana é até sentir um pouco de ansiedade ao escrever: zaps, feices, insta e todas as ferramentas tão conhecidas entre nós, tem virado sinônimo de coisas que podem ser prejudiciais, relativamente falando.

O panorama da tecnologia da informação e comunicação (TIC) atual tem nos mostrado o quanto tais ferramentas e seus usos podem agudizar as desigualdades, opressões e desvantagens estruturais dessa nossa sociedade. Para essa discussão, gostaria de trazer a pesquisadora da Universidade do Texas, Simone Browne.

Browne, em um de seus livros intitulado Dark Matters - on the surveillance of blackness (Assuntos Escuros - na Vigilância da Escuridão)[1] explica como as tecnologias e ferramentas de vigilâncias mais modernas estão intrinsecamente ligadas às estruturas racistas e sexistas de poder, fincadas nas nossas sociedades e disponíveis para que governos e empresas reforcem seus lugares nas hierarquias de poder e consolidem opressões sobre os corpos historicamente marginalizados. Browne evoca na conversa tanto Fanon quanto Foucault, que já discutiam vigilância, tendo o último relacionado o conceito de panóptico[2] - comumente utilizado pelos teóricos brancos dos estudos de vigilância - a imagem do navio negreiro.

Essa reflexão tão profunda, com uma mirada a partir de corpos negros, periféricos e marginalizados nos convoca a pensar não só numa conjuntura que retrata a manutenção dos comportamentos de poder, vigilância e manipulação - como foi o caso das viagens transatlânticas, mas nos convida também a refletir o quanto nós, pessoas negras estamos disponíveis e dispostas a encarar o debate da tecnologia da informação e comunicação começando por lugares até então não mexidos, não tocados.

---

[1] Tradução livre

[2] O panóptico é um tipo de construção institucional e um sistema de controle projetado pelo filósofo e teórico social inglês Jeremy Bentham no século XVIII. O conceito do desenho é para permitir que todos os presos de uma instituição sejam observados por um único guarda de segurança, sem que os presos possam saber que estão sendo vigiados.

Conversas sobre como funcionam as ferramentas e dispositivos, trocas sobre como operam os gigantes do Vale do Silício[3] (Google, Facebook, Amazon, Apple) em torno do oligopólio tecnológico, história do surgimento da internet e sua relação intrínseca com as grandes navegações devem ser também parte do nosso trabalho em promover e espalhar a "boa nova" de como construir uma tecnologia antirracista.

É claro que tudo isso esbarra numa dificuldade que é anterior a discursos sobre privacidade ou criptografia: acesso. Hoje, somos 69% de brasileiros com acesso a internet pelo celular, sendo que a maioria de nós está concentrada nas grandes capitais e nas regiões mais "desenvolvidas" do país. Mas a proposta do debate sobre acesso, inclusive, não termina com o argumento de ter ou não a possibilidade de estar conectado, ter ou não celular. Mergulhar nesse conversa significa nadar por sobre a qualidade do acesso, dar braçadas mais largas sobre alfabetização e letramento digital, pescar mais e melhores equipamentos como computadores, antenas e outras tipos de hardwares[4]. E para isso, os ativistas e ciberativistas precisam estar dispostos a traduzir as linguagens.

As linguagens de programação e algoritmos[5] mas também os termos técnicos, as história das heranças coloniais e racistas do surgimentos de ferramentas e processos, as ideologias do vale do silício e filosofias de tempos líquidos, as práticas e comportamentos moldados para nos manter submissos e satisfeitos com likes. Todas essas "linguagens" advindas da experiência rápida e galopante na evolução das tecnologias da informação e comunicação precisam ser mastigadas e esmiuçadas pelos ativistas e defensores dos direitos digitais, de maneira também a incorporar com as populações e grupos marginalizados novos jeitos de fazer e construir tecnologia.

Dito isto, tudo o que pode ser pensado no campo do que se tem chamado de Cuidado Digital ou autocuidado digital é resultado de um movimento de troca, escuta e aperfeiçoamento entre o campo e as práticas feministas. Os Cuidados Digitais nada mais são do que mudanças de ordem filosófica e práticas em relação ao uso de tecnologias e ferramentas da informação e comunicação.

As feministas e feministas negras tem cunhado esse termo, justamente em contraponto à prática machista, racista e militarizada dos discursos de segurança da informação (S.I). Quando se fala em S.I, o conceito pressupõe um cenário onde há sempre um atacante do qual precisamos nos proteger. Esses discursos militarizados produzem comportamentos e percepções de medo, insegurança e ansiedade, sentimentos que não ajudam em nada na mudança de cultura em relação aos hábitos de consumo de tecnologias. Ao falar de cuidados digitais, feministas negras e brancas estão reivindicando um discurso e uma prática que não só enfrenta e mitiga, mas que reinventa as práticas, que questiona as lógicas da tecnologia e cria

---

[3] Cidade do Estado da Califórnia, Estados Unidos, é um apelido da região da baía de São Francisco onde estão situadas várias empresas de alta tecnologia, destacando-se na produção de circuitos eletrônicos, na eletrônica e informática.

[4] Inclui as partes ou componentes físicos e tangíveis de um computador, como o caso, unidade central de processamento (CPU), monitor, teclado, armazenamento de dados do computador, placa gráfica, placa de som, alto-falantes e placa-mãe.

[5] Um algoritmo é uma sequência finita de ações executáveis que visam obter uma solução para um determinado tipo de problema O conceito de algoritmo é frequentemente ilustrado pelo exemplo de uma receita culinária, embora muitos algoritmos sejam mais complexos.

possibilidades de existir mesmo em cenários como os de hoje, onde a vigilância e a falta de privacidade são quase que primazias das tecnologias da informação.

Ou seja, os discursos e práticas do cuidado e do autocuidado digital precisam perpassar também pela realidade dessas mulheres considerando suas diferentes condições e lugares no mundo. Repensar, por exemplo, como as feministas negras e brancas vão lidar num episódio de violência online ou quando temos nossa reputação violada nas redes e ruas. As soluções virão não somente a partir de estudos e conhecimentos técnicos sobre como funcionam os celulares ou o que significa a triangulação das antenas de telefonia, mas virão sobretudo da escuta atenta e carinhosa das atrizes e atores que tem vivido seus dilemas e violências e da interação e troca de tecnologias outras - como é bem o caso das mulheres negras.

As feministas negras estão ressignificando o Cuidado Digital na teoria e na prática, entendendo que nesse cenário, - que para nós não é novo - onde os velhos mecanismos ganham novas facetas, precisamos retomar e recriar táticas e estratégias para nos mantermos sólidas no enfrentamento diário.

Na realidade é quando falamos de mensageiro (apps como o messenger, telegram[6], o zap), e as mulheres querem saber qual deles é o mais seguro. Nessa hora precisamos levar em consideração diferentes fatores para inclusive relativizar usos e práticas, já que temos pleno conhecimento, por exemplo, da dificuldade em ter celulares com memória que suportem dois ou mais aplicativos, dos transtornos de uma internet acessível financeiramente falando e de qualidade e mais um sem fim de variáveis que transformam uma pergunta simples em uma questão complexa e relativa, como assim são também as práticas de Cuidado e autocuidado Digitais.

Sendo assim, reivindicar um Cuidado Digital sob a perspectiva do feminismo negro é não partir nunca do pressuposto de que há uma resposta única e viável para todas, universal. É pensar num modus do cuidado que muito provavelmente já existe, já é realidade para as mulheres negras e que nós só precisamos disseminar.

Portanto, a tecnologia ancestral das mulheres negras é a resposta para todas essas discussões. Somos nós que continuamos falando em código nos terreiros, desenvolvendo estratégias coletivas de criar filhos - nossos e das nossas patroas -, perpetuamos jeitos e saberes através de culinária e ervas, logo, somos nós as mais criativas e experts* a repensarmos os conceitos, linguagens, ferramentas e jeitos de fazer de uma tecnologia da informação e comunicação cada vez mais libertária.

[6] O Telegram é um aplicativo de mensagens móveis e de desktop baseado em nuvem, com foco em segurança e velocidade.

O PAPEL DAS MÍDIAS NEGRAS NA IMPLOSÃO DE IMAGINÁRIOS

ROSANE BORGES

Jornalista, doutora em ciências da comunicação, professora colaboradora do Colobor (ECA-USP) e do Grupo de Pesquisa Estética e Vanguarda.

1. A FALA COMO LUGAR

Desde que a imprensa ocidental se impôs como instituição essencial para a formação da opinião por meio de uma esfera pública qualificada no século XIX, mulheres e homens negros vêm reivindicando acesso a uma soberania sistematicamente negada. Conscientes de que a temporalidade moderna instaurou uma nova era, galvanizada pelos dispositivos de comunicação e expressão, ex-escravizados (as) se lançaram na tarefa de produzir e distribuir um comum sobre o mundo no qual estavam imersos.

Disso dão testemunho iniciativas inaugurais no campo da comunicação com a instituição da imprensa negra. Não foram poucos os veículos que buscavam dignidade, visibilidade e reconhecimento da população negra num país que respirava (como ainda respira) os ares da escravidão. Definitivamente, os sistemas de comunicação e expressão dos condenados da terra afiguram-se como traço essencial que compõe o cartão postal da passagem do século XIX para o XX.

Certamente, o que está em disputa, ontem e hoje, é o direito de expressão e de fala, considerando-se que a linguagem constitui-se em horizonte de reciprocidade de cada homem cada mulher com os outros e o mundo; falar é pôr um mundo em comum, é fazê-lo lugar de encontro e de partilha.

E a fala pública, como se sabe, afirma-se fundamentalmente, desde a ascensão das sociedades modernas, pelos meios técnicos de transmissão, culminando numa cultura hipertecnificada. Dominique Wolton considera que *comunicação e modernidade* formam um laço indissolúvel; o desenvolvimento de uma depende do êxito da outra, porque são gestadas no mesmo ecossistema.

Sem sombra de dúvidas, jornal, rádio, fotografia, cinema e, posteriormente, a TV constituem pontos de inflexão que possibilitaram a construção de arranjos inéditos, com-

posições até então impensáveis que forjaram uma ambiência comunicativa regida pelos códigos do visual.

Não foi sem razão que o sociólogo Émile Durkheim diagnosticou que os corpos intermediários, como ele designava a escola, o sindicato e a família, tinham sofrido uma profunda debilitação no final do século XIX e princípio do XX, visto que aquelas mediações institucionais foram solapadas pelas tecnomediações, que passam, na ambiência moderna, a liberar o homem das condicionantes ancestrais do tempo e do espaço.

A ascensão de um novo tempo, que é uma dimensão essencial de consciência histórico-temporal, plasma um ambiente em que as experiências são partilhadas e compartilhadas de maneira inédita, o que nos leva a fazer do bios midiático, como sustenta Muniz Sodré, um território que transcenda a dimensão veicular e se institua como operador das relações sociais. Essa consciência histórico-temporal levou pensadores a etiquetar a nossa era com o carimbo da comunicação, em geral, e das mídias, em particular. Assertivamente, o filósofo Jean-Marc Ferry elabora um diagnóstico: "dir-se-ia que entramos, não sem equívocos, na era das filosofias da comunicação, que pretendem superar os paradigmas da consciência, da reflexão e da linguagem".

Ora, uma vez que as mídias desempenham papel que estão além da dimensão veicular, ultrapassando os limites da transmissão de informação, como, a partir delas e com elas, se pode divisar a entrada em cena de outras atrizes e atores no jogo comunicativo contemporâneo? Como esses novos *players* vêm modificando os códigos e as formas de expressão? De que maneira novos imaginários poderão irromper com pessoas negras reivindicando o papel de produtores das narrativas que circulam infatigavelmente nas malhas verbo visuais dos espaços digitais e materiais?

Sem sombra de dúvidas, estamos mergulhados em novas temporalidades que vão reelaborando imaginários sobre nossas formas de existência e que se refazem incessantemente com as máquinas contemporâneas de produção de discursos. Vale a pena examinarmos, ainda que brevemente, como essa reelaboração vem ocorrendo e como ela alcança as camadas mais profundas do tecido social.

2. REPOSICIONAMENTO DA TÉCNICA, NOVOS ESTATUTOS DOS(AS) SUJEITOS(AS)

Considerando que estamos presenciando uma rotação de perspectiva nas formas comunicacionais, e nos modos de reagenciamentos dos corpos, um ponto de partida para o exame acima proposto, seria o de inventariar iniciativas voltadas para novas formas de enquadramento do mundo e de dar-lhe legibilidade.

Vozes silenciadas, esquecidas, passam a tomar partilha do sensível, no dizer de Jacques Rancière, (re)construindo, via dispositivos de comunicação, o mundo a ser visto pela sua própria entonação (agências de notícia, como o Portal Alma Preta, sites informativos como Geledés, Portal Afro, Mundo Afro, plataformas digitais, agências de publicidade geridas e voltadas para a população negra jogam papel fundamental na escrita de *um mundo* a ser lido/visto/ouvido).

Vale dizer, que essas mesmas vozes questionam o estreito mosaico que reduziu as acepções do humano. Por meio de dispositivos comunicacionais e artísticos, tais vozes engendram ainda estéticas e poéticas que sinalizam para outros regimes de visibilidade, tomando o corpo como mecanismo de instituição de modos variados de existência.

Vídeo-arte, projetos cênicos inovadores, instalações urbanas, curadoria de si nas redes sociais e mídias digitais, projetos colaborativos nas comunidades, agências de informação e de jornalismo, enfim, outros sistemas de escritura vão formando um complexo que se oferece a um exame minucioso dos modos de realização da política em tempos inegavelmente fraturados..

Jovens, principalmente os (as) habitantes das bordas e das periferias dos grandes centros, vêm fazendo dos recursos tecnológicos uma plataforma política de insurreição que denuncia hierarquias que não cabem mais apenas no espartilho da classe social. Orientação sexual, pertencimento étnico-racial, condição de gênero, entre outros marcadores cruzam-se para reivindicar a justa participação na produção e distribuição do comum. A insurreição acopla-se a um desejo por existência que significa, com tanto mais razão nos tempos que correm, visibilidade, disputa por imagens e pelos regimes que elas endossam. De acordo com Massimo Canevacci:

> Por isso, entre "quem representa" e "quem é representado há um nó linguístico específico relativo ao que chamo divisão comunicacional do trabalho, que precisa ser enfrentada nos métodos e nas pragmáticas. Entre quem tem o poder de enquadrar o outro e quem deveria continuar a ser enquadrado – eterno panorama humano – se ossificou uma hierarquia da visão, que é parte de uma lógica dominante a ser posta em crise na sua presumida objetividade. É insuportável que na comunicação digital proponha-se um neocolonialismo midial com uma divisão hierárquica entre quem representa e quem é representado, entre quem filma e quem é filmado, quem narra e quem é narrado, quem enquadra e quem é enquadrado.

Pelo que se vê, a reivindicação para tomar partilha do mundo não é meramente uma pauta de menor importância, uma vez que se testemunha disputas pela visibilidade do mundo e de si amparadas em formas de expressão que fundam gramáticas de produção à margem da ortodoxia.

Somos, nos tempos que correm, designados de prossumer (a um só tempo, produtores e consumidores de informações). Esta condição ampliou exponencialmente os atos de fala, fazendo de nossa época um ambiente em que as experiências são partilhadas e compartilhadas freneticamente.

Tornou-se moeda corrente a afirmação segundo a qual estamos mergulhados numa era pós-mídia, momento em que as práticas da comunicação tecnológica são descentralizadas, em que despontam novos ambientes colaborativos e participativos. Esse novo estágio reposiciona as discussões sobre as mídias, os dispositivos de imagem, as performances artísticas em outro patamar. Já não estamos mais sob a lógica da sociedade da *radiodifusão e distribuição*,

que predominou durante todo o século passado, mas sob a dinâmica do paradigma da *conexão e circulação*, permitindo o engajamento efetivo das audiências e dos públicos.

Os paradigmas da *conexão e da circulação*, forjados pelo novo estágio do capitalismo, ganharam aderência irreversível. O velho modelo um-para-todos (poucos veículos distribuindo informação para uma gama abrangente de pessoas) subverteu-se e diversos arranjos tornaram-se possíveis: um-para-um, todos-para-um, com informações brotando de múltiplos focos. A própria noção de rede comunicativa e suas transformações derivam desse postulado.

Trata-se sem dúvida de uma transformação que desestabilizou a fase de ouro de uma mídia de massa, que, para muitos de nós, não experimentaria o ocaso. No epicentro das mudanças monumentais nos dois últimos séculos por força do imperativo tecnológico, a comunicação, em sua feição midiática, se agigantou de tal modo que tornou-se obrigatório gestar e dar visibilidade à cena do mundo na ambiência das ferramentas de expressão.

3. PERFORMATIVIDADE TÉCNICA, GESTÃO DA POLÍTICA, EMERGÊNCIA DE NOVOS IMAGINÁRIOS

E essa gestão se dá também com a afirmação do próprio corpo, elemento vital na luta contemporânea (não é à toa que o teatro ganha impulso renovado sob a condução de diretores (as) e dramaturgos (as) negros (as).

Já referi em artigos anteriores que ouvimos "rumores indiscretos da subjetividade: " *slogans* "Vai ter negra e gorda na universidade!", "Vai ter preta periférica e trans na pós-graduação!", "Respeitem meus cabelos, brancos!" sinalizam para novas formas de elaboração e exploração do político, onde o ético e o estético se imbricam em benefício da projeção de outras subjetividades, do reposicionamento das engrenagens corporais em lugares de prestígio da luta social e da reflexão crítica. A dimensão estética e artística são fundamentais para pensarmos nessas emergências, pois hoje pensar corpo é pensar poder e visibilidade.

Signos emergentes/insurgentes rebatem signos "estáveis", enrijecidos, carcomidos por visibilidades que não cabem mais nos estereótipos de outrora. A voz, o corpo e a imagem se impõem como territórios de insurgência nas malhas verbovisuais artísticas e comunicativas, forçando-nos a catalogar os rumores das subjetividades que teimam, por essas três matrizes de linguagem, em tocar as raias mais profundas do que se designa como poder.

Num mundo marcado pelo retorno do nacionalismo xenófobo, pelo recrudescimento do racismo e agudização do sexismo, do feminicídio, o tema dos imaginários, da representação e visibilidade mostram-se essenciais para compreendermos o espírito da nossa era, a sua compleição e dinâmica. Tal compreensão só poderá alcançar foros de legitimidade se convocar as mídias negras como nexo de transformação que vem oferecendo para o mundo outros códigos e gramáticas.

Se a sede por visibilidade e reconhecimento são cifras que as mídias foram responsáveis por superfaturar, é preciso que (de)cifremos como essa dinâmica se desdobra na experiência cotidiana.

De que maneira examinar representação e visibilidade como tópicos que definem o espírito do tempo por força da dinâmica comunicativa em curso? Pierre Bourdieu advertiu que "talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade". (2001, p.32).

São várias as chaves explicativas que se aplicam a essa predominância do visível visto que se conecta com a existência. Se optarmos por palmilharmos a trilha de pensadores como Michel Foucault, Achille Mbembe, Gilles Deleuze, bell hooks, Sueli Carneiro, entre outros, para pensarmos na dobradura visualidades-visibilidades como a outra face da gestão da biopolítica e da necropolítica, de um lado, e das biopotências, de outro, talvez dimensionemos o quanto a questão está profundamente ligada à reivindicação pela vida:

> Se as políticas da visibilidade, das quais as mídias são um dos atores principais, adquirem um estatuto central como estratégia da biopolítica, isso se deve à linha demarcatória que é estabelecida entre os modos e estilos validados de vida (que ganham visibilidade) e aqueles que são relegados a uma existência tida como menos qualificada. É dessa forma que os media se constituem como um dos lugares a partir dos quais certas pessoas são postas como invisíveis na cena social, podendo ser destituídas de seu lugar de sujeito. Quando por alguma razão se tornam visíveis, é iniciada uma ação de repulsa ou recusa. (Prado, 2013, p. 25).

As reações às formas de repulsa ou de recusa a determinados modos de vida, que se tornam possíveis, entre outras coisas, pela sanção de um corpo racial e sexualmente hegemônico, constituem o contraponto de um regime de visibilidade que labora para invisibilizar, normatizar, "naturalizar", destituir formas de existência. A luta por reconhecimento, via imagens, tornou-se uma plataforma inescapável nos fazendo crer que não existe ritual sem falhas, que, dos lugares de negação e interdição, fabrica-se novas formas de gestão da vida e do corpo:

> Mas não deveríamos deixar-nos embalar por qualquer determinismo apocalíptico. Parafraseando Benjamin, seria preciso escovar esse presente a contrapelo, e examinar as novas possibilidades de reversão vital que se anunciam nesse contexto. Pois nada do que descrevi acima pode ser imposto unilateralmente de cima para baixo, já que essa subjetividade, essas redes de sentido, esses territórios de existência, essas formas de vida não constituem uma massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias. (...). Num capitalismo conexionista, que funciona em rede, como se viabilizam outras redes que não as do capital, autônomas, que eventualmente cruzam, se descolam, infletem ou rivalizam com as redes dominantes? E que possibilidade restam, nessa conjunção de plugagem global e exclusão maciça, de produzir territórios existenciais alternativos àqueles ofertados ou mediados pelo capital? (Pelbart, 2005, p.3).

Neste conjunto vivo de estratégias, testemunhamos a movimentação de sujeitos nas malhas digitais e materiais gestando novas formas de existência por meio de outros agenciamentos da imagem. Destacam-se, nesse contexto, o papel e a capilaridades da mídias negras que vem laborando por outras agendas, construindo outros repertórios de imagens, ecoando vozes até então silenciadas ou asfixiadas pelo mainstream comunicativo. Como adquirir visibilidade? Que novos regimes de representação poderão advir desta plataforma de reivindicação na chamada metrópole comunicacional, que articula a um só tempo comunicação-cultura--consumo, na perspectiva do antropólogo visual Massimo Canevacci? É o próprio antropólogo que dá uma resposta precisa:

> Uma nova crítica sobre o poder da representação posiciona-se entre um impulso externo pós-colonial e um interno sobre a autoridade da escrita; entre quem entrou na autonomia construtiva do próprio eu do qual tinha sido excluído como subalterno a quem colocou em discussão as modalidades clássicas dessa mesma representação. A escritura aplicada na modernidade etnográfica mostra todo o seu domínio político no sentido estrito e retórico como gênero linguístico não neutral. (2012, 162-163).

Ainda segundo Canevacci é preciso, pois que estejamos atentos para as modificações no imaginário coletivo, uma vez que o espectador também se transformou:

> (...) o espectador contemporâneo não realiza mais – não concede – essa relação mimética com um ideal do eu que dava sentido a uma espécie de imaginário que permitiu 'viver as núpcias com as núpcias da atriz, por assim dizer. A ruína de tudo isso significa que uma certa concepção de beleza fracassou, esta também uma vez inalcançável que o grande ator representa. Com a afirmação das novas televisões pós-generalistas cada um cria as suas próprias histórias, as suas viagens – antes com o controle remoto, depois com o mouse e agora com o touch-screen -, saltando de uma narração a outra, entre línguas diversas, com as parabólicas e a Internet TV. (p. 182),

Não se tem como negar: respiramos outra atmosfera tecnológica, chegamos ao paroxismo de proclamar uma era pós-mídia, cultivamos a seiva que alimenta um ecossistema comunicativo em que o telespectador escolhe sua trajetória visual por meio de uma multiplicidade de egos, de múltiplos eus que flutuam em camadas infindáveis de interação. Ainda segundo Canevacci, "não são mais as formas que moldam, mas é o fluxo ótico que visualiza por fragmentos. (ideal do eu, mimese, imaginário coletivo)" (2006, p. 182). De forma ainda mais contundente, prossegue o autor:

> O cinema não tem mais valor ético, e não somente o cinema. O ator não encarna mais o ideal de beleza, ligando-se – através desse ideal – à questão ética. Dizer o belo é bom constituiu uma pedra angular da filosofia que o Ocidente, de Platão a Hollywood, reproduziu ao infinito. Isso não existe mais. Ruiu, e por sorte, essa relação belo igual a bom, portanto igual a éti-

> ca, e portanto igual a moral e a grandes valores universais. Neste sentido, a ruína dos valores universais com relação à concepção da ética ligada a uma concepção de beleza é um aspecto que pode ser lido em termos progressivos.

Embora concorde em linhas gerais com a avaliação do autor, é preciso sopesar como o imaginário migra para novas formas de comunicação e expressão, mantendo ou eliminando resquícios dos ideais culturais que inspiraram os sistemas de representação do século XX. O fato de os múltiplos eus fazerem curadoria de si próprios nas malhas verbovisuais, não significa que as imagens que resultam dessas inovações sejam sinais de mudança no que tange aos ideais culturais de outrora.

No contexto do paradigma da *conexão e circulação* em que o indivíduo passa a ser múltiplo (daí a expressão "multivídio"), em que porta uma subjetividade fluida e mutante, em que novos arranjos comunicativos inundam nossos territórios de sociabilidade, quinhão significativo daqueles ideais culturais não esvaecem pela força corrosiva do tempo; ouvem-se aqui e ali ecos de um imaginário envelhecido que insiste em associar ideais de beleza, de força e de inteligência, para referir casos recorrentes, a grupos hegemônicos, embora o invólucro sob o qual se apresenta tenha o brilho e frescor do orvalho primaveril, De onde vem, então, a mudança, o deslocamento, a implosão?

Ao apresentarem novas agendas, ao postularem uma mudança na divisão comunicacional do trabalho, ao edificarem novas gramáticas, as mídias negras mostram-se como força vulcânica que vem mudando as estruturas carcomidas de um sistema de comunicação que silenciou e invisibilizou vozes e corpos, que recortou temas para serem postos em circulação em detrimento de tantos outros,

Nesse sentido, essas mídias vêm desempenhando papel vital na árdua tarefa de deslocar e implodir imaginários, entendidos aqui, de forma abreviada, como um repositório de imagens do qual nutrimos nossas formas de percepção do mundo. Mais: elas vêm se mostrando com fôlego para pautar setores expressivos da esfera pública com potência para transformar as narrativas que produzem em discursos circulantes que se fixam na cadeia comunicativa e, assim, promovem o laço social.

Não temos dúvida de que se trata de um trabalho de longo alcance que apenas começou, mas que se mostra à altura para a execução da tarefa de produzir e distribuir o comum e, num futuro próximo, possibilitar que, pela fala e pela imagem, instituamos outros lugares de existência a quem foi excluído de participar dos códigos de linguagem que nos conectam ao mundo e a nós mesmas (os).